RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

Composto e Impresso na Tip. Progresso - Espinho | AVULSO 2$00 | Director Interino ANTÓNIO GAIO | NÚMERO 42 | ANO IV 31 DE OUTUBRO DE 1951

EDITORIAL

INSATISFAÇÃO

O homem, unidade feita de corpo e alma, peça infima de grandiosa engrenagem, servo de uma condição, tem em si um papel a representar. Da qualidade desse papel só poderá falar o maior ou menor equilíbrio existente nas relações entre a matéria e o espírito. Se o desiquilibrio for grande até ao extremo de uma parte caír no desprezo, cria-se o perigo da falência de uma missão, determina-se a queda de um ser nascido para a realização de coisas maravilhosas.

O movimento da engrenagem, a luta do dia a dia, a construção do futuro, é uma força grandiosa pronta a esmagar qualquer quebra, qualquer fuga, mas nunca pode esquecer que é a resultante de pequeninas forças, de minúsculas peças. Assim, é do bom ou mau trabalho das pequenas unidades que depende a evolução da engrenagem.

A mecanização total, o domínio da matéria, e o alheamento das realidades que a terra impõe, a superioridade desdenhosa do espírito, são os dois inimigos do homem. Escolhido um só caminho, procurando de olhos fechados, esquecer o outro, cai-se no desiquilíbrio e, forçosamente, prejudica-se a marcha do esforço colectivo.

A defesa do homem e da sociedade está na insatisfação voltada para os dois caminhos. A luta constante do pão nosso de cada dia, o imperativo físico, acompanhado pelo espírito insatisfeito sempre pronto a descobrir direitos iguais, a dor igual, nos nossos semelhantes, evita o aviltamento, a ferocidade, e estabelece o equilíbrio. A vida mental, um mundo de divagações abstractas, a actividade assente sòmente em bases espirituais, buscando a evasão, fingindo desconhecer os gritos e as misérias dos infelizes, ganha o equilíbrio quando sentir os pés fincados na terra insatisfeita.

Sempre e sempre a insatisfação poderá melhorar a humanidade.

Deste modo, também na vida de uma terra, a insatisfação é forte alavanca a impulsionar o progresso, a melhorar e a engrandecer. Dirigentes e dirigidos, senhores das necessidades e das aspirações da terra, devem viver com intensidade os problemas, chamando todas as reservas de energia e de sonho. Os perigos da rotina, da mecanização do dia a dia, geram o amolecimento, a nércia e a descrença.

Espinho, terra jóvem, senhora dum ritmo admirável de crescimento, possue aspirações concretas, vive sonhos lindos. O pequeno Porto de Pesca e as Obras de Defesa, a mudança das linhas da C. P., a avenida marginal Porto-Espinho o Hospital da Misericórdia, a Comarca de Espinho—estes e outros projectos e necessidades de melhor ou mais difícil realização, não devem cair no silêncio cómodo e estéril. A preocupação, tentando novas facetas e porfiando melhores possibilidades, a teimosia quase impertinente, tornarão as bases mais sólidas e nítidas. Com enormes responsabilidades diante o futuro tem de se defender o equilíbrio constante entre a Realidade e o Sonho.

Não esqueçam os homens o mal que vive encoberto no desprezo da *unidade* pelo *todo*, nas vaidades pessoais, na inveja, na crítica incapaz e despeitada.

Não esqueçam os homens que os vindouros esperam uma herança feita de belas realidades e de sonhos fortes, de contornos vivos e brilhantes.

A. G.

POESIA E FOLCLORISMO

Por *Felisberto Ferreirinha*

Ao lermos um dos últimos números do «Correo Literário», editado em Madride e dedicado ás modernas correntes do pensamento espanhol, foi-nos dado deduzir o espirito que norteia a última geração dos seus intelectuais e artistas, e as suas tendências. Entre êstes, está generalizado o repudio das especulações folclóricas, que, longe de traduzirem o substracto do génio e do carácter espanhol, e, por consequência, do ambiente em que se projectam as íntimas florações da sua existência, o falseiam e denegam; repudio contra os abusos de um folclorismo deprimente — resonante, caricatural e vasio — de «malas tintas y malo sol», que não corresponde a esse substracto.

Esta reacção, está tomando um certo vulto entre os intelectuais e artistas nossos vizinhos; não é única, nem primeira. Manuel Machado, um dos grandes poetas deste século, dizia, a propósito dos pequenos nadas respigados desse substracto, mas que traduzem o carácter espanhol: «aonde se encontre um chapéu de mulher, será dificil adivinhar, se a sua dona é francesa, ingleza, ou americana; aonde se encontre uma mantilha e um leque, sem dúvida terá passado uma mulher espanhola», E acrescentava:

«La francesa tiene *chic;* la inglesa, *smart*, la americana, *pep*... La mujer espanhola tiene *sal*.

«Y la sal no habla sólo de gracia, de encanto, de atractivo, de garbo. No es cosa adjectiva y de adorno ni siquiera de juego — como el mismo Arte —. La sal es algo sustancioso y necesário, como el pan y el agua; máximo condimento de la vida, único incentivo, coqueteria suprema y santa, porque es totalmente ajena o toda afectacion involuntária, innata; don celeste, en la más pura acepcion de la palavra. Ahora bien, esta sal de la mujer espanola es la que sabe envolver-se en la mantilla. Y sólo ella lo sabe».

Só êste *sal* do substracto, aonde quer que o espirito espanhol se determine, poderá marcar, em altitude, a expressão universal e séria do hispanismo — não esse folclore «cursis», essa macaqueação «de mala gana», esse vasio, essa mentira assaz explorada na Espanha e, muito mais, no estrangeiro, tida como expressão da personalidade espanhola. Reage contra esta burla, o moderno intelectualismo espanhol: no romance, novela, poesia e teatro; nas artes plásticas, música e cinema. Esta reacção estimula-se com o exemplo dos melhores valores deste século — os percussores deste movimento renovador, — e reajustam — se deste modo as naturais projecções do carácter espanhol.

Na poesia, lembram-se os no-

Continua na pág. 4

MARÉS VIVAS

CONFIRMANDO...

Algumas e poucas palavras a comentar uma local do número 1021 da «Defesa de Espinho». E dizemos poucas porque basta um leve sopro para derrubar quem tem bases tão débeis e tão ruíns.

Afinal, o comunicado encimado pelo título sensacional e terrivel: — «Caluniar é fácil mas ainda há justiça em Portugal» — teve, ao contrário do que esperava o integro director do *unico e verdadeiro jornal da terra*, um efeito duplamente curioso. Fez-nos rir e a toda a gente com a bravata, o «fogo de artifício» de quem tem tantos telhados de vidro, e qualificou de «menino» o figurão manhoso que pretendia assustar pretensos meninos.

Incapaz de alinhavar algumas frases, vindo ao terreiro, rebatendo as acusações e desmascarando os vilões invejosos, preferiu o Snr. Benjamim Dias, numa atitude infantil e medrosa o papel de mártir! Mas o povo riu porque já conhece o mártir. Quanto a nós, muito longe de qualquer susto vamos além do riso. O que afirmamos no artigo «Análise de umas afirmações» era a expressão pura e simples da ver-

Continua na pág. 7

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!

...as eleições da Académica de Janeiro próximo vão ser muito renhidas...

...isso derivará do facto de alguns reputados palradores se terem decidido a «botar» fala na Assembleia Geral...

...os tais palradores vão pôr tudo em pratos limpos e pulverizar os actuais directores...

...os patinadores juniores da Académica «naufragaram» estrondosamente...

...o «Rumo» vai ter nova página cultural colaborada por um grupo de literatos de novas ideias...

...a freguesia de Anta fracassou, inesperadamente, na colaboração prestado ao Cortejo de Oferendas...

...mais uma vez se verificou que certas pessoas aproveitam os leilões das ofertas para realizar magníficos negócios, sem atenderem ao destino que terão as receitas arrecadadas...

...a justiça, apesar de vendada, ainda vê muito bem o fundo das coisas...

...a construção do novo edifício dos Correios em Espinho se fará quando a linha da C. P. mudar para a variante de nascente...

...nessa altura o «mostrengo» do Largo dos Combatentes recolherá com o seu colega «obelisco» ao Museu dos Horrores...

...a lentidão das Obras de Defesa dava pano para muita manga...

...a Zona Norte brilhou mais uma vez no Cortejo da Misericórdia...

...a futura direcção do S. C. Espinho é uma incógnita muito «bicuda»...

REPORTAGEM

ESPINHO é um concelho!

Visitando SILVALDE

Quando dizemos: Espinho é um concelho, queremos chamar a atenção para um facto que passa despercebido, para a vida das freguesias que tão poucos conhecem e constitue um complemento da vida da sede do concelho. E se atentarmos na importância das freguesias no desenvolvimento do concelho na formação da futura cidade de Espinho, justifica-se o nosso interesse e assim, a razão da reportagem que iniciamos com uma visita à progressiva Silvalde. A escolha, livre de alfabetos ou de classificações estabelecidas, filia-se principalmente no exito da comparticipação daquela freguesia no Cortejo de Oferendas da Misericórdia.

Quem tanto deu nas vistas merece a maior atenção.

Numa manhã clara e sempre agradável de Domingo, fomos amàvelmente recebidos na sede airosa e moderna da Junta da Freguesia de Silvalde pelos senhores Adriano Alves de Oliveira, presidente da Junta, e Manuel Ferreira Oliveira Pinto, bairrista dos melhores. Depois de breve conversa, ouvidas algumas aspirações e postos ao par do dinamismo que entrou na vida silvadense, iniciamos uma visita aos locais de futuras realizações e ás obras em curso.

Começamos por ver ao lado da Igreja, num terreno da Junta, o espaço onde será erguido um pequeno bairro de casas económicas para trabalhadores; o projecto está em estudo e, se não esfriarem os entusiasmos e não faltar certa re-

Continua na pág.

O «Menino» Serafim

Oh mãe! Eles bateram-me!...

Você é corajoso?

PSICO-TESTE, PRÓPRIO PARA CHEFES DE FAMÍLIA, MAIORES E REVACINADOS

ERSATZ, revela neste número, um dos capítulos do seu novo livro: «Conhece-te a ti próprio» —best-seller de 1951, em todo o Mundo

Disse o sociólogo inglês Mills Wood, numa conferência realizada recentemente em Austin (Austrália) que a coragem estava ràpidamente desaparecendo da face da Terra. Não, não é assim que quero começar. Vou dar a impressão de pretenciosamente culto, e nada mais feio do que a gente mostrar aquilo que realmente é. Bom. De qualquer modo já comecei e agora terei de me aguentar. Pois, voltando à vaca fria, ou melhor, ao sangue frio, a coragem existe. Isso, digo-o eu. Não, será, por exemplo, coragem da minha parte, escrever um artigo destes até ao fim? Coragem demonstra, porventura, o snr. Manuel Guimarães, ao apresentar um filme como «Saltibancos»? Não amigos — aquilo é temeridade. Coragem, revela ainda todo o homem que se casa, o que não quere, evidentemente, dizer que não haja homens casados que são autênticos vermes de cobardia. A coragem deles, desvaneceu-se ao fim de alguns tempos de união marital. Se o leitor quiser saber até que ponto o assunto lhe diz respeito, não tem mais do que responder, o *mais sinceramente que lhe for possivel*, às perguntas que, a seguir, vamos fazer. Depois conte zero pontos para cada resposta A, 2 pontos para as respostas B, e finalmente três pontos para cada resposta C.

No fim, veja os resultados.

Eis o Teste:

Se sua esposa resolve fazer-lhe uma surprêsa, aparecendo em casa, pavoneando um daqueles ridículos objectos, que, teimosamente, insistem em apelidar de chapéu, qual é a sua reacção?

A) Diz: «Assenta-te maravilhosamente, querida».

B) Faz um sermão, mas acaba pagando.

C) Diz: «Pensas que eu ando a roubá-lo?... Devolva já isso, sua desavergonhada».

Quando sua esposa se queixa de que é uma infeliz e ameaça ir para casa da mamã, que faz você?

A) Pede perdão e jura emendar-se.

B) Leva-a ao cinema essa noite.

C) Diz sinceramente: «Será possível?»

Quando sua sogra resolve ir passar uns tempos em sua casa, como é que você age?

A) Prepara um comité de de recepção.

B) Ausenta-se inesperadamente «a negócios».

C) Compra um cão-policia.

Quando você está morrendo de sono e sua cara-metade resolve deleitá-lo com uma audição de piano ou canto, como é que você reage?

A) Acha a ideia maravilhosa.

B) Reclama, bate os pés e roga pragas — mas em surdina.

C) Dá-lhe um ponta-pé, amarra-a aos pés da cama, depois amordaça-a e finalmente volta a dormir, no meio do maior socêgo.

Quando chega a casa de madrugada e «não absolutamente lúcido», se sua esposa reclama, que é que você vai dizer?

A) Jura com as lágrimas nos olhos que foi a última vez e resolve emendar-se.

B) Mente, dizendo que houve um amigo que fez anos e foi à festa.

C) Aproveita para lhe dar aquela tareia que tem sido o sonho máximo da sua vida.

Quando chega o meio do mês e sua esposa se queixa de que já acabou a mesada, que resolve fazer?

A) Dar-lha de novo, sem mesmo a censurar.

B) Dá-lhe mais dinheiro, e desconta-o depois, no próximo mês.

C) Vai comer à pensão e resolve deixá-la morrer de fome.

E é tudo. Faça agora a contagem. Se você marcou 18 pontos pode considerar-se um *Homem* corajoso e refutar as ideias de Mills Wood. Se você marcou 12 pontos, está precisamente no meio termo; mas se marcou 0 (zero) pontos então você é um verme, um Rato, e mais do que isso: Um covarde. Além de que... Credo! quem vem ali?!... É minha esposa, e que coisa esquisita ela traz na cabeça...

— Como???... Oh, querida, mas fica-te maravilhosamente bem...

. . . . . .

Ah!!!... Sinto-me um verme... Brrr!!!

ENTRADA EM CAMPO

A Ginástica

Folheando há dias o número de Outubro do Boletim da Associação Académica de Amadora, deparei com um comunicado de Direcção daquele clube em que se abria a inscrição para os cursos de ginástica proporcionados aos seus associados e atletas. Para as 5 classes (Adultos, infantis, meninas dos 9 aos 14 anos, rapazes dos 9 aos 14 anos e atletas) fixavam-se três sessões semanais, sendo o preço da inscrição de 60$00, com inspecção médica.

Insensìvelmente, lembrei-me do que tem sido a ginástica em Espinho e pus-me a fazer comparações. Salvo o Sporting de Espinho em tempos já recuados, não se tem feito qualquer esforço em prol da ginástica na nossa terra, fora dos estabelecimentos escolares. Os clubes, a braços com dificuldades financeiras, não podem sustentar professores de ginástica, nem o tentam,o que não pode deixar-se de perdoar-lhes se se tiver conhecimento da indiferença que a palavra provoca na quase totalidade dos nossos conterrâneos. Quando Silvério Vaz dirigiu um curso de ginástica para rapazes de idades à volta dos 10 anos, participei nele e lembro-me perfeitamente que o meu grande entusiamo se baseava nas «borlas» que, por ser atleta do Sporting, me eram concedidas para os desafios de futebol. Mercê destas «borlas» aproveitei alguma coisa no desenvolvimento físico mas, afastado para o martírio de um internato, abandonei a ginástica por completo. As lições do Colégio, feitas em recinto fechado, sujeitas ao regime rigoroso de aulas, com faltas, castigos e notas, assustaram-me e fizeram-me fugir-lhes. Como eu, tantos e tantos outros foram deixando atrofiar os corpos, criando ferrugem nas articulações, tanto mais que, seduzidos pela mania da literatura, doença vulgar dos adolescentes, preferiam a vida encerrada em quatro paredes à salutar actividade desportiva ao ar livre. Outros que não foram tentados por estultas pretensões de literatos recusaram a ginástica por enfadonha, preferindo ao método, à disciplina, à actividade conduzida, o fácil pontapé na bola, desordenado e dependente da maior ou menor habilidade de cada um. Assim perderam (e perdem ainda hoje) muitos rapazes um desenvolvimento regrado dos seus músculos que só a ginástica lhes poderia proporcionar.

As impressões pessoais desviaram-me do que pretendia dizer mas servem como exemplo para justificar o que ficou sem dizer. Julgo difícil, muito difícil mesmo, criar em Espinho cursos ginásticos. Faltam os cabedais para a manutenção de bons orientadores, faltam instalações capazes de oferecer condições satisfatórias para os exercícios, faltam os indivíduos com gosto suficiente por uma actividade metódica e disciplinada. O vício do café, do dominó e do bilhar está demasiado entranhado nos espinhenses para que possam ser solicitados por um desejo de desenvolvimento físico. Porém sem se tentar lutar contra este estado de coisas nada será possível fazer-se de positivo. Principalmente aos clubes locais cabe esta farefa de combate. Persistindo no esforço, talvez se consiga a satisfação de incutir o gosto pela ginástica e considerar o tempo teimosamente dispendido como efectivamente útil.

P. M.

VOLEIBOL

O SPORTING DE ESPINHO no "Nacional"

Os maus resultados obtidos pela equipa do Sporting de Espinho no Campeonato da I Divisão, recentemente disputado no Ginásio do Instituto Superior Tecnico, em Lisboa, serviram para as mais diversas controvérsias entre os aficionados espinhenses da modalidade. Ouvimos opiniões das mais contraditórias, cheias do pessimismo crónico que aparece depois dos insucessos. Por isso, pensamos em entrevistar alguém que tivesse acompanhado os sportinguistas na sua deslocação à capital e obter informações directas do que se passou. Ninguém melhor do que Jorge Moreira para o efeito. Servem-lhe de credencial as suas qualidades como jogador, como dirigente e entusiástico adepto do voleibol. Naturalmente, começamos por preguntar-lhe quais foram as razões do malogro da equipa neste Nacional.

— Acho — respondeu — que o apôdo de malogro à actuação da equipa de voleibol do Sporting de Espinho no Nacional da I Divisão é um pouco forte, uma vez que ela não possuia conjunto nem valores individuais suficientes para poder discutir uma boa classificação. O desejo de marcar presença e poder assimilar novos esquemas de jogo foi a principal razão da nossa concorrência. Claro que a exibição feita contra o Leixões, no jogo da 2.ª volta do Regional, nos deixou uma esperança, embora vaga, de podermos repetir o feito e, consequentemente, «arrancar» boa posição. A fraca inspiração com que iniciamos o nosso primeiro jogo do Nacional foi decisiva para o resultado final, que, embora nos pese, foi justo e representa, de certo modo, a actual diferença entre as duas equipas. E, para cúmulo, apesar de entrarmos com desejos de rectificar a má impressão deixada na véspera, tivemos que enfrentar dois *agrupamentos*, um deles bastante forte (o árbitro snr. M. Bento & C.ª), que nos cortaram cerces quaisquer esperanças de vitória. Entendo que, apesar de tudo, só benefícios tiramos desta deslocação que a Direção do clube nos proporcionou. Resta saber se os ensinamentos recebidos serão aproveitados. Faço votos por que tal suceda.

— Foi justa a classificação das equipas?

— Atendendo ao valor de cada equipa, a classificação final. é, quanto a mim, a verdadeira. O Tecnico é, de longe, a melhor equipa, com um «seis» afinadíssimo e uns «reservas» que seriam titulares noutra equipa qualquer. O Leixões conquistou com justiça o 2.º lugar, após brilhante carreira. Foi de facto, depois do Tecnico, o conjunto mais afinado. O Sporting Clube de Portugal, quanto a mim, possue melhores valores individuais que o Leixões, mas não tem tão bom conjunto. Por fim, resta o nosso clube que foi o mais fraco de todos, quer sob o ponto de vista do conjunto, quer do individual. Por factos já conhecidos não se pôde apresentar completo (a falta de Ruano foi notória) mas mesmo que tal não acontecesse não poderia fazer melhor figura. Os jogadores novos que este ano incluimos na equipa, substituindo os irradiados Bico e C. Lobo, não conseguiram fazer esquecê-los, apesar da boa vontade e do generoso esforço que dispenderam. E ainda, para mais azar, entramos no campeonato com o «pé esquerdo», quer perante a sorte do jogo (neste aspecto, fomos infelicíssimos) quer perante os árbitros, excepção feita ao encontro Tecnico-Espinho. No desafio Espinho-Sporting, então, fomos «escandalosamente» prejudicados pelas actuação do árbitro snr. Manuel Bento. Com um árbitro justo, teríamos ganho este encontro, conquistando o 3.º lugar, embora não fosse essa a justa classificação, como já disse.

— Dos jogadores, quais os que mais impressionaram?

— De todos os jogadores que vi em acção, Nuno Barros, capitão do Tecnico, foi o que mais me impressionou, não hesitando em o considerar o melhor voleibolista que até agora vi. Um jogador completo, sob todos os aspectos, de verdadeira categoria internacional. Depois, todos os elementos do mesmo grupo, desde os já engenheiros Cohen e Frois, desempenharam papel de relevo. De notar o facto de todos os jogadores utilizarem o serviço balanceiro com notável eficiência, produto de muito treino, sem dúvida. Dos outros grupos: C. Pereira e Cruz, do Leixões; A. Rebelo e Campos, do Sporting; Walter e Grijó do Sporting de Espinho,, que foram os que actuaram com mais regularidade. De resto, todos os outros elementos que participaram neste campeonato mostraram vontade de cumprir da melhor maneira o papel que lhes tinha sido distribuido. Quanto a arbitragens, apenas gostei das de Craveiro Lopes (Tecnico-Leixões) e Manuel Seabra (Tecnico-Espinho). De um modo geral, todos os outros 1.os e 2.os árbitros só não «puxavam» para Lisboa se, de todo em todo, fôsse impossível. E frize-se que os grupos lisboetas não necessitavam de tais «presentes» para ganharem os seus jogos.

— Espinho tem possibilidades de afirmar boa posição no voleibol. Como poderá conseguir-se o seu desenvolvimento?

— Estou certo que sim. Qualidades não lhe faltam. Apenas temos que olhar o problema bem de frente. Em minha opinião, Espinho não possue, para já, um número razoável de praticantes, com qualidades, para manter duas equipas de volei, com apreciável fio de jogo e conjunto. Estou certo de que, reunindo num só grupo todos os praticantes espinhenses da modalidade, e debaixo de uma orientação firme e dedicada (o que, felizmente, não nos falta) se poderia conseguir algo de bom e honroso para Espinho. No entanto, acho que esta minha pretensão é, pelo menos para já, irrealizàvel. Contudo aqui deixo a minha modesta opinião.

— Seria útil para o pretendido desenvolvimento, a construção de um ginásio em Espinho?

— Um ginásio em Espinho seria a primeira e principal razão do progresso, não só do voleibol mas também das outras modalidades que se podem praticar em recintos cobertos. Permitiria, sem dúvida, atingir um nível de progresso idêntico ao revelado pelos excelentes jogadores do Tecnico. Sim, porque estou convencido de que as qualidades evidenciadas pelos futuros engenheiros não são seu exclusivo. Quaisquer outros atletas as apresentavam desde que beneficiassem de umas instalações análogas.

Por aqui se ficou a nossa conversa com Jorge Moreira que tão amàvelmente se prestou a que deixássemos elucidados os nossos leitores sobre a actuação da equipa do Sporting local no torneio máximo do voleibol nacional.

UMA CARTA

Sobre o artigo de voleibol publicado no nosso último número, recebemos a seguinte carta que transcrevemos:

Espinho, 15 de Outubro de 1951

Ex.mo Senhor Director do Jornal «Rumo»
Espinho

Ex.mo Senhor:

Sob o título «VOLEIBOL», veio, numa coluna do Vosso Jornal, de 30 de Setembro, um artigo que, a meu ver, não está inteiramente dentro da razão.

O autor tentou dar, à não boa actuação da equipa de Voleibol neste último Campeonato Regional, um fundo que, se bem que teve influência nessa actuação, não a teve, porém, toda.

Eu, na minha fraca competêcia de «avaliador», atribuo à falta de treinos de conjunto 50°/o das causas de grande parte das derrotas que o grupo sofreu no decorrer do campeonato. Os treinos deixaram de existir para a a equipa (e não para certos elementos), não por causa dos «exames á porta», mas sim muito antes dessa altura (os últimos treinos realizaram-se por ocasião das férias da Páscoa). Ora, se a causa de tantas derrotas fosse sòmente essa, o «team» podia contar com menos derrotas e mais vitórias. Talvez que isto pareça, para algumas pessoas, um absurdo. E' natural, pois essas pessoas não assistiram a jogos que se realizaram «fora de casa», e mesmo a alguns que se realizaram «em casa». A falta de «espírito de equipa», de «desportivimo», e até de compreensão pela boa vontade dos companheiros durante os jogos, que se notou nalguns elementos do grupo, foram, a meu ver, os outros 50°/o das causas de muitas derrotas. Isto é o que apreciei desde o início do campeonato, até 12 de Julho, data em que deixei de tomar parte nos jogos, pois estive ausente, juntamente com o jogador Manuel Lemos, até 22 de Agosto. Só depois deste dia reingressei na equipa. Pude, assim, apreciar ainda dois jogos: um, no Porto, contra o S. Roque, outro em Espinho contra o Oliveira do Douro. No primeiro, notei mais uma vez que certos jogadores punham em evidência as suas faltas de espirito de equipa, de desportivismo, e de compreensão pelo esforço dos companheiros, faltas essas que foram presenciadas pelo autor do artigo de que falo no princípio desta carta; no segundo, cenas idênticas se passaram, também presenciadas por Fernando Baptista. Mais uma vez posso dizer, portanto, que a falta de treinos não teve todas as culpas na actuação do grupo de voleibol.

Oxalá que Fernando Baptista creia que não é com o fim de menosprezar as suas qualidades técnicas que escrevo esta carta a V. Ex.ª. Com esse fim, não é. E', sim, vontade minha prestar-lhe, dentro dos meus poucos conhecimentos da modalidade, um pouco de auxílio no «rescaldo» que êle fez no final da actuação do «team» de Voleibol.

Sem mais, rogando desculpas pelo tempo que tomei a V. Ex.ª, e agradecendo a publicação desta, subscrevo-me com a maior consideração e respeito.

João Calado Orvalho

FUTEBOL

Para garantir a sua presença no Nacional da II Divisão o Sporting de Espinho vai jogar a sua última cartada ao defrontar o Beira-Mar quando da sua próxima vinda ao campo da Avenida. Escusado será salientar a importância deste desafio que vai captar todas as atenções dos apreciadores do futebol aveirense e proporcionar uma enchente que será por certo a maior registada desde o princípio da época. Cremos que os jogadores locais saberão, porque têm para isso absoluta capacidade arrecadar os 3 preciosos pontos da vitória Esta jornada decisiva requere todo o esforço todo o entusiasmo, toda a atenção. E, além disso, exige-se porte correcto, atitudes disciplinadas, dentro como fora do recinto do jogo.

Nos quatro jogos efectuados nesta 2.ª volta, os sportinguistas venceram com toda a justiça a Ovarense e o Lamas, trazendo de Oliveira de Azemeis e S. João da Madeira uns escassos 2 pontos das derrotas sofridas. Se, pelo jogo desenvolvido com o Oliveirense, a derrota foi o resultado mais lógico, o mesmo já se não pode dizer do 1-0 frente à Sanjoanense e que só foi possível graças a uma grande penalidade um tanto ou quanto duvidosa que lhe foi assinalada nos derradeiros momentos do encontro.

Tem arbitrado quase todos os jogos em que intervem o Sporting, o senhor Eduardo Peixinho que, umas das vezes melhor, outras pior, não tem dado lugar a grandes reparos. Esperamos que a assinatura tenha terminado e, para evitar possíveis aborrecimentos, seja nomeado árbitro de outro distrito para o jogo com o Beira-Mar. A prudência e o bom senso aconselham-no.

Galeria de Figurões

XI

GABAROLA, ACTOR, FITEIRO ..
Tem galões de marinheiro
E tais feitos seus proclama,
Que ao ouvi-lo chega a gente
A pensar que tem na frente
O próprio Vasco da Gama!

Foi ao Rio de Janeiro,
E andou lá tão LAMPEIRO
Que lembrava um general...
— Mas, na parvónia, vegeta,
Mete GOLOS de «gancheta»,
E é crítico barbeiral!...

CHANFRADINHO, o figurão,
Se fala de Riomeão,
Co'ta as histórias horríveis,
Onde esgrime o Ti Clemente
A lutar constantemente
Co'as almas dos «INVISÍVEIS»

Foi guarda-redes, coitado,
Mas ao ver-se reformado
Teve um desgosto profundo!
— Mas faça sol ou faça chuva,
Afirma que vem da «Uva»
O melhor vinho do mundo!

Zé Pacato

QUEM FALOU EM REALISMO?

Chamou-se neo-realista à escola italiana de cinema do após-guerra. O nome, importado da literatura, pegou, e até por cá tivemos agora um pimpolho neo-realista, barulhento e choramingas. O pimpolho foi prèviamente anunciado como coisa honesta e bem feita, que não pretendia nem de longe especular com o público que na sua boa fé o contemplasse. O papá da fita era Manuel Guimarães, já mais ou menos oficialmente louvado pela realização dum documentário sobre Soares dos Reis, documentário que, diga-se de passagem, não merecia esse côro de louvores. A prova de força chegou agora com «*Saltimbancos*», já que não é costume considerar um documentário como prova de força.

Ora o espectador senta-se, e vai saborear o filme neo-realista.

Em primeiro lugar: a publicidade não foi honesta. «*Saltimbancos*» continua a especular escandalosamente com o público. Quanto a realismo não sei onde o iremos descobrir. O Snr. Manuel Guimarães confunde realismo com sentimentalidade falsa e quere impor-nos como isso uma miséria convencional, de opereta de aldeia. «*Saltimbancos*» não é um passo a mais nem a menos no cinema português. Continuamos a marcar garbosamente passo, muito orgulhosos da làgrimasinha fácil e do fado melhor ou pior gemido.

A convencionalidade da história e dos personagens é tão evidente que nem vale a pena insistir nela. Nem uma só daquelas pessoas se pode levar a sério. Não conheço o romance de Leão Penedo. A adaptação cinematográfica é má. Os diálogos enfermam daquele mal tão nosso característico: a falta de verdade, a ausência de interesse, série de rábulas ora cómicas ora sentimentaloides, com um poder de convincência de valor negativo. Parece incrível que ainda se façam diálogos assim. Não é preciso ir pedir experiência ao cinema dos outros países. Na literatura contemporânea temos exemplos tão flagrantes do diálogo essencial, que não há a mínima desculpa para o palavreado daquele coriféu sem vida que é Tomaz de Macedo, por ali a deambular a propósito de tudo e de nada, a dar-nos com a maior boa vontade possível o senso de falsidade daquilo tudo, nem para as tiradas da heroína, nem para as frases teatraloides de Maria Olguim, nem para tudo o resto. Rábulas, e rábulas das piores.

Helga Liné e Tomaz de Macedo andam por ali, sem a mínima expressão, e sem ligarem muito à história. A plástica da heroína é aproveitada duma forma tão indiscreta que até comove. Podia-se continuar por aí fora, e falar dos outros, cheios de rugas e de lágrima pronta. Notar, no meio de toda aquela miséria, a dignidade de guarda-roupa das duas mulheres. Que diabo, salvem-se as aparências!

O cenário não tem unidade e é pródigo em coisas inúteis. Neste — e também noutros pontos — não avançamos muito desde a célebre «*Severa*». Havia nesta fita uma cena espantosa. De repente, sem que ninguém ali o chamasse, apareciam em cena três ou quatro homens, com fortes capas alentejanas ou coisa que as valha, e desatavam a cantar uma toada melancólica («Nasceu à moça um menino, etc., etc.»). Acabavam a cantiga e iam-se embora. Findava a cena e sem mais delongas passava-se a outro assunto. Pois bem, coisas destas têm tido o seu equivalente em quase todas as películas portuguesas. A ciência do corte é pouco mais que desconhecida.

A fotografia é clara e inexpressiva.

A falta de Manuel Guimarães não é técnica — é um pouco mais grave. Falta-lhe sensibilidade artística, o senso da arte que escolheu. Produtor e realizador, todas as responsabilidades são suas. E' possível que ainda venha a fazer grande sucesso; o que me parece improvável é que venha a fazer arte. Pelo menos, «arte neo-realista».

*

Dieterle dirigiu e Hal B. Wallis produziu «September Affair», aqui exibido como «Paraíso proibido». E' mau. Tem cenas filmadas em Itália e um andamento do concerto n.º 2 de Rachmaninof.

*

Sem selecção, aparecem por aí reprises a torto e a direito. Só neste princípio de época vimos «E o vento levou...», «Jezebell», «Lobos do Mar»... e vamos ver muitos mais, é só esperar.

Manuel Guedes Guimarães

POESIA E FOLCLORISMO

Continuado da pág. 1

mes de Campoamor, Gabriel y Galan, Manuel e António Machado, Garcia Lorca e outros. O povo, inconsciente mas revelador, é um tema comum na moderna poesia. O drama da sua existência e o ambiente em que ele se determina, são elementos preferidos no novo canon estético, que reage contra o folclorismo, tal como tem sido explorado. O *sal*, emprega-se como elemento vivo — o que se encontra iniludivelmente no sangue do povo espanhol; o sol e a cor — os das fulgurações naturais e acidentais — sem a interferência de papeis pintados e holofotes...

Acentua-se uma arte votada ao homem e á terra, traduzindo o seu intenso drama. Gabriel y Galan deu-no-la, surpreendentemente, nas suas poesias. Vejam-se estes passos do poema, «El embargo»:

. . . . . .

Embargal, embargal los avíos,
que aqui no hay dinero;
lo he gastao em comías pa ella,
y en boticas que no le sirvieron...

. . . . . .

Pero a vel, señol jues: cuidaíto
si alguno de esos
es osao de tocali a esa cama,
ondi ella s'a muerto;
la camita ondi yo la he querio
cuando dambos estábamos güenos;
la camita ondi yo la he cuidiao,
la camita ondi estuvo su cuerpo
cuatro meses vivo
y una nochi muerto!
Señol jues: que nenguno sea osao
de tocali a esa cama ni um pelo,
porque allí lo jinco
delante usté mesmo!
Llevaísoslo todu,
todu menos eso;
que esas mantas tienin
suol de su cuerpo...,
y me güelin, me güelin a ella
ca vez que las güelo!

A emotividade profunda deste poema, feito de sangue e dôr, como tantos outros de Galan, «remueve las entrañas»; e o substracto do carácter espanhol — «la sal castiza» — aí se encontra inconfundivel, no máximo explendor, iluminando êste empolgante quadro humano.

Lorca, o grande poeta *gitano*, o maior de todos, talvez, que grandes quadros deixou nos seus poemas! Os olores do sangue, do ardente sangue espanhol, recendem das suas poesias embriagadoras. O maior altar de «Sal castiza», levantou-o êle; e não admiramos, que a sua obra seja tida como a maior expressão do hispanismo neste século... Há quem assim a julgue, não sem motivo para fazê-lo. Lorca era um poeta de génio, que deixou marcado, na sua obra, com tintas de fogo, o trágico carácter da sua gente. Ninguém, melhor do que êle, o reproduziu. Ao acaso, abrimos o «Romancero Gitano»; no «Poema del Cante Jondo», esta pequena canção dá-nos o clima do seu pensamento poetico em todo o livro:

«PUEBLO»

Sobre el monte pelado,
un calvario.
Agua clara
y olivos centenarios.
Por las callejas
hombres embozados,
y en las torres
veletas girando.
Eternamente
girando.
Oh, pueblo perdido,
en la Andalucia del llanto!

Como punge, este «llanto»! Ninguem penetrou mais fundo do que Lorca, na alma do seu povo, dizem os seus melhores criticos. E assim o explica, a profunda identificação do caracter espanhol na sua inolvidavel obra, esse monumento literário arrecadado não só nos seus livros, mas tambem no seio do seu povo, que êle com tanta devoção amou — tesouro que resistirá a todos os vendavais da história.

A moderna poesia espanhola vota-se ao coração do povo, às profundidades do seu ser, surpreendendo as fontes da sua personalidade inconfundivel. Assim marca o seu rumo, objectivamente, banindo especulações folclóricas que possam mascará-la; e os arremedos grotescos e fatalmente perniciosos dêsse carácter, grandioso e singularmente sério, a que o hispanismo corresponde.

(Do «Noticias», de L. Marques

QUATRO QUADROS

PRIMEIRO QUADRO

Abril. Sol. No tempo em que as cerejeiras se enchem de flores.

. . . . . .

Tinham falado que nunca mais se separariam. Nunca mais. Depois.

Seria tudo bom. Sua felicidade não seria só sua felicidade — mas de todos.

(Havia tanta dor no mundo)

Um dia... — e tudo seria realidade.

(A tarde era quente).

Eles estavam sentados lado a lado. Suas cabeças se confundiam.

(A tarde era quente) sentiam o calor dos dois corpos. Ela tombou a cabeça.

(Lá em baixo o trigo ondulava ao vento) O peito se enchia daquela vida.

Ele pegou de mansinho sua cabeça, afagou seus cabelos. Machucou aquela boca que se abria.

A' tarde sempre. Rio acima de mãos dadas.

— «Que tarde!» — então voltavam.

SEGUNDO QUADRO

Em Setembro ardem os montes e secam as fontes.

Meio dia. (A poeira das estradas cega os olhos).

— «Adeus.

— Adeus.

Crês tu nisso?

Não, Esperarei por ti» — sofriam — «juro-te».

— Dois meses só.

— Adeus. Estarei sempre contigo. Por Deus».

Olharam uma capela que havia no alto dum monte.

Sorriam.

(Tinham lágrimas nos olhos).

— «A camionete!» — não era (tinham sangue nos lábios).

. . . . . .

Já dentro disse-lhe adeus num gesto largo — o céu era azul.

(Maldita da tropa e mai'los que para lá os mandam).

TERCEIRO QUADRO

. . . . . .

— «Não! — era um grito e uma súplica.

— «Não»! — mas assim fora determinado.

— «Não! Não! Não!» — mas assim fora determinado.

São estranhas as ruas e as casas — e a capela? (E a seara ao vento?).

As ruas? As casas? As ruas? As casas? (E a seara? E o vento?)

As ruas?

Meu Deus! Não havia nem searas, nem casas, nem ruas. O monte se havia deslocado e a capela era mais longe.

E a boca que se abrira, fechara.

QUADRO QUARTO

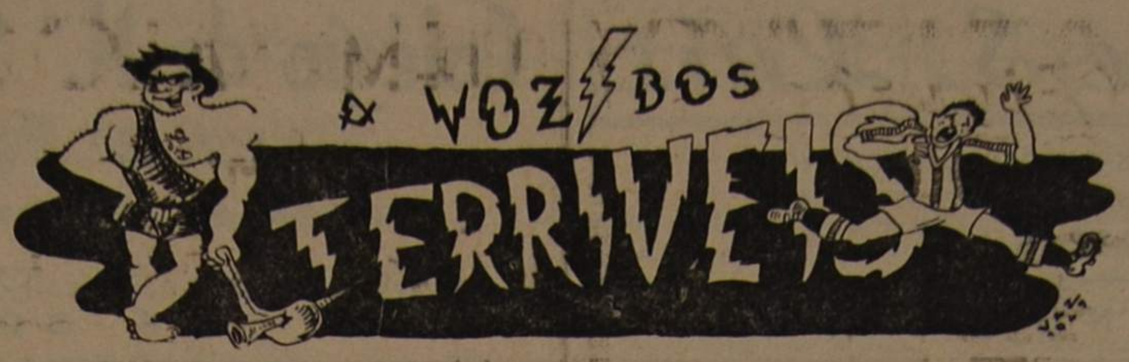
Sete e meia. Acabarei esta história.

(Ah! a dor das histórias estranhamente banais!!)

Porei:

Esta história são duas flores: — uma que se perde e outra que

Continua na pág. 7



Já é azar...

Espinho voltou ao Cinema! Voltou, mas infelizmente, num papel secundário e ridículo, indigno do seu valor e das suas reais qualidades fotogénicas. Os papeis principais, os dos astros de primeira grandeza, pertencem à Emprêsa de Espinho-Praia e ao seu novo teatro. A fita paga pelo «produtor» a quem Espinho «tudo» deve é mais um hino de louvor a sua Excelência.

Estamos a ver alguns sorrisos julgando-nos acérrimos «perseguidores», portadores de manias.

Não. Nunca criticamos ou atacamos por sistema ou antipatia. Só queremos as coisas no justo lugar e a defesa dos interesses e do bom nome da terra. E quando assistimos a mais uma prova de quanto podem a vaidade, a insensatez e o mau gosto, tudo junto a elevar certas personalidades e a amesquinhar e a desprezar os valores reais de Espinho, não podemos ficar indiferentes. Os espinhenses não podem aceitar de braços cruzados uma chuchadeira, uma caricatura reles, envolta em ares de luxo, em papel de fantasia pretensioso e ridículo.

O documentário que aparece na tela, intitulado «Espinho», realizado por Perdigão Queiroga e comentado por Olavo d'Eça Leal, é uma promessa para o espectador desprevenido. De facto, os nomes responsáveis pela realização técnica, fazem prever obra cuidada. Mas, com o movimento das imagens, com o desbobinar da fita, a desilusão aumenta progressivamente até à indignação diante tamanho desastre... de «camioneta».

Aquelas cenas confrangedoras, mostrando um Espinho adulterado e débil, mais parecendo uma estância termal de quinta categoria, provocando o riso, magoam-nos de verdade. E' impossível perdoar àqueles que sujeitaram o nome da nossa terra (pelo menos a fita foi exibida no Porto) ao escárnio.

Já é azar! Todas as vezes que Espinho tem entrado no Cinema, o falhanço é certo. A causa não deve estar na ausência de qualidades, de motivos para filmar um bom documentário. O mal está na influência nefasta de certo potentado local e na desorientação, no malogro da cinematografia nacional.

Numa indústria séria que devia ser escrava da Arte, impera, entre nós, o comercialismo e o oportunismo. Nos documentários, têm-se verificado as excepções (lembramo-nos dum belo documentário sobre a Póvoa de Varzim) mas por mal dos nossos pecados, caímos sempre na pior vulgaridade.

Até agora, que o nome de Perdigão Queiroga merecia certo crédito, fomos infelizes.

Com o nosso protesto, pedimos à Comissão M. de Turismo que faça quase o impossível para encerrar definitivamente na lata, o celuloide que nos amesquinha e desprestigia. Se os interessados quizerem um filme publicitário que o apresentem como isso, cortando cenas impróprias para a boa propaganda quer da terra quer da Empreza.

E' necessário que vença o bom senso e o bom gosto, esquecendo vaidades e grandezas balofas.

Certos senhores...

Novamente voltamos a falar do peditório do Cortejo de Oferendas para o Hospital da Misericórdia. Desta feita, são certos senhores espertalhões, muito engenhosos, que, afinal, com as suas habilidades só poderão merecer o desprezo e criar a dúvida acerca da legitimidade do convívio que disfrutam na sociedade.

Aquele que não dá o óbulo a que é moralmente obrigado, tratando-se de uma organização de interesse colectivo e de influência benéfica e profunda na vida do povo, como o Hospital da Misericórdia, merece a censura de todo o homem consciente e sabedor dos seus deveres para com o próximo. Aquele que é cobarde, incapaz de afirmar uma atitude, e se refugia numa promessa com a intenção deliberada de faltar, devia ficar marcado por todos e ser posto à margem como ser indesejável.

Infelizmente, temos a registar alguns «casos» e não podemos deixar de registar a nossa «Voz».

Esquecidos de qualquer moral, aviltados pela luta do dia a dia, criaram um mundo de algibeira, reduzido à unidade, e não hesitam diante qualquer recurso na defesa dos seus «orçamentos» onde está tudo previsto menos a colaboração entusiasta e voluntária para o melhoramento das instituições da terra.

O expediente grosseiro de prometer a uma comissão de homens de boa vontade, determinado contributo a enviar ao Cortejo para depois faltar é bom distintivo a assinalar certos senhores.

Não sabem os espertalhões é que a «manha» é muito conhecida pelos «lorpas» da Comissão, saturados de desculpas, de «choros» e de pequeninas habilidades.

A atitude ordinária não passou em branco.

Possam estas linhas escritas com a vontade firme e justa de «esmocar» os bicharocos, preveni-los para o futuro, pois a «pancada» pode ser mais forte e mais às claras.

E não julguem os leitores que caímos no exagero com a preocupação de apontar e castigar. E' tempo de a sociedade ser mais coerente com os princípios nobres que a regem e mais severa para com os elementos nocivos.

Basta de tanta elasticidade!

FRISOS CAMILIANOS...

Uma bela natureza é o esmalte do mundo que as ilusões nos dão...

Duas horas de leitura, pág. 169.

*

Honra e coração costumam andar bem-avindos, mas é só nos romances...

Agulha em palheiro, pág. 151.

*

A mais suave maledicência, querendo poupar a natureza humana às querelas e libelos da filosofia rixosa, diz que o homem é um mistério.

A teologia cristã, para desencarregar o supremo arquitecto do desaire da sua obra, diz que o homem é um ente degenerado da sua primitiva puridade.

Em boa paz com teólogos, e filósofos, a mim se me afigura que o homem é um composto de gigante e pigmeu...

Carlota Angela, pág. 62.

*

As desgraças provenientes do jogo não inspiram compaixão a ninguem, e ajuntam à pobreza a deshonra...

As três irmãs, pág. 691.

*

Não há nada menos frágil e durável do que a formosura...

A engeitada, pág. 157.

*

O nome, o prestígio, o amparo e a honra, só são visíveis enquanto a consideração pública os proclama ou finge reconhecer...

Os brilhantes do brasileiro, pág. 63.

*

Se a história é verdadeira, Cipião, o africano, é o singular herói que saiu vencedor dos sortilégios do amor sacrificando o coração ao puritanismo da honra...

Coisas espantosas, pág. 14.

*

Quem conhece um coração, conhece-os todos. As variedades são acidentes usuais das circunstâncias. E' o barro com diversas cores; mas tudo...

A caveira da mártir, pág. 275.

*

Os actos mais inocentes do homem podem encaminhá-lo para a desgraça...

O judeu, Vol. I, págs. 25 e 26.

*

A pobreza é o estímulo das maiores façanhas da inteligência...

A queda dum Anjo, pág. 14.

*

O coração humano faz mudanças de que não sabemos dar causa nem razão...

O regicida, pág. 98.

*

Na descrição da desgraça há engenhos habilíssimos. Em pintar a felicidade é grande a penúria de frases:

Continua na pág. 7

Visado pela Comissão de Censura

Colégio de S. Luís

CURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

Colégio de N.ª S.ª da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

CAFÉ LUGIL

Completamente remodelado e ampleado com novas instalações

Os desportistas apreciam UM BOM CAFÉ no...

CAFÉ GIL

AVENIDA OITO * ESPINHO * RUA 19-TEL. 306

VINHOS DE PASTO

U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A

FABRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA

PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS

CEREAIS — MERCEARIAS
Armazenistas

AZEITES
Armazenistas e Exportadores

Cadinha & Couto

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52

SOUSA & IRMÃO

REERVAM ESTE ESPAÇO PARA QUANDO PRECISAREM DE PROPAGANDA

A MINA

BAR — RESTAURANTE

DE Ribeiro & Figueiredo, L.da

RUA 19 N.º 200—ESPINHO

ABERTO TODA A NOITE

FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA

DUARTE & C.ª

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)
Largo dos Aviadores, 104
Telefone 3771-GAIA

445, R. Bandeira Coelho, 451
Telefone 16
ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.ª, L.DA

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

CASA SOUSA

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇA E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

FERRO E AÇO

A. Trindade, Suc.

Depositário da

LUSALITE

CAIXA POSTAL 4 ○ ESPINHO ○ TELEFONE 39

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 222

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JUNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO DE AUTOMÓVEIS

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 e 22-ESPINHO-TELEFONE 338

TIPOGRAFIA PROGRESSO

ANTÓNIO GUETIM

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

TRICROMIAS

RUA 20 N.º 361 • ESPINHO • TELEFONE 125

NASCENTE — Colaboração Escolar

O AMOR

Por *Rogério Vasconcelos* (estudante)

Amôr! Palavra tão cantada tão adorada pelos poetas, pessimistas e prosadores.

Quando se desperta na vida, quando temos dentro do peito um coração, sentimos então uma profunda tendência para repartir com mais alguém parte da felicidade que nos embriagou os primeiros anos da infância, que tornou inolvidáveis os brinquedos de criança e que nos dourou os inesqueciveis beijos e carinhos da tão lembrada puerícia. Surge a adolescência das paixões inéditas, deixando para trás a época dos sorrisos simpáticos tão vulgares nos lábios de creança. Na adolescência já abundam duma maneira quase incrivel os sorrisos cheios de promessas, olhares que anelam conquistas, os trejeitos que manifestam uma intenção formular. Vão ficando para trás as amizades da escola e surgem as amizades do Colégio, idealizam-se romances de amôr e sonham-se venturas encantadoras, nessas noites tão lindas de Verão, noites cheias de estrêlas luzentes, noites que contemplei do vão de uma janela, amparado, outrora, nos braços despidos de uma inolvidável figura de mulher.

Amor que atrais os poetas!

Amôr que os inspiras ao mesmo tempo que dominas a vida desses rapazes que cantam, sós e tristes, por devesas luxuriantes, por vales e outeiros, as mágoas dos seus tão dilacerados corações. Amôr: sonho primitivo, realização futura.

Amor que resides no hábito inebriante da flôr; no canto mavioso das aves, no som do violino e da guitarra dos estudantes.

Amôr disperso pelas paisagens, pelos prados floridos, pelas colinas verdejantes e no seio das águas cristalinas. Amôr disperso na atmosfera, precioso nectar dos enamorados.

Amôr, simpática atracção, paixão ardente do ódio. Amôr é ódio. Amar é odiar. Odeia-se quando mais se não pode amar; odeia-se quando queremos destruir aquilo cujo nascimento consentimos como embriagado por indiscritivel prazer.

Odeia-se, quando, sabendo que amámos, procuramos fugir à iniciativa desse amôr, evitar esse inevitável encontro. A verdadadeira felicidade, resume-se em pouco: Amar e ser amado, que é muito. Amar com todas as fibras do coração, ter sempre presente no espirito os olhos, os lábios, o rosto, os cabelos, enfim o corpo de quem nos inspirou esse tão grato sentimento.

Quando alta noite sózinho e triste me sento debaixo de uma austrália, na minha ridente aldeia, contemplando as estrelas nas suas moradas celestes, olhando as árvores quietas e melancólicas e as águas límpidas e dormentes do rio, ouvindo o cantar dos ralos misturados com a melopeia de visões quiméricas, eu, penso dolorosamente —.

— Amar e viver numa abstracção constante; é esconder-se da luz do dia e cantar debaixo dos raios ténues da lua, versos sentimentais;

Amar é fugir do convivio, fugir das conversações, e dos divertimentos. Amar é viver só, arquitectando venturas, entregando o coração a doces ilusões.

ESPINHO é um concelho!

Continuado da pág. 2

ceita, esta pequena obra de profundo sentido social será uma realidade, honrando os homens homens que a conceberam. Estivemos em seguida no futuro apeadeiro de Silvalde, fruto dum sonho ajudado a transformar com as contribuições de filhos da terra, ausentes em longínquas paragens. Este apeadeiro, numa excelente previsão para o futuro, dispõe dum apartado para possível bilheteira, e deve ser inaugurado antes do fim do ano Reparamos no gradeamento da passagem de nível, sujo e inestético, autêntico borrão a empanar o aspecto limpo e agradável do apeadeiro. Tal gradeamento é inadmissivel e tudo deverá ser feito para a sua substituição.

Perto, a estrada militar, em mau estado, quase intransitável, exige os cuidados de quem de direito. Daqui, fomos assistir a uma fase dos trabalhos na construção duma pequena estrada, embora de grande utilidade, que liga o lugar da Fonte e a estrada 109, no lugar do Barreiro. O grande obreiro desta obra foi António Pereira Relvas que tomou a iniciativa, contribuindo com elevada importância e responsabilizando-se pela parte dos outros contribuintes e interessados na transformação dum caminho quase intransitável. Com a colaboração da Câmara e a boa vontade de alguns homens resolveu-se um problema da freguesia.

Entretanto, soubemos que a Junta com a receita livre dos atestados a passar, tenciona fazer no fim do ano uma festa de Natal para os pobres, distribuindo-se um Bodo.

Pedem-nos para fazer um reparo à ponte estreita e perigosa da estrada 109, depois da entrada de Silvalde, bem assim como aos postes e valetas, causas de muitos desastres.

Guardamos para o final da reportagem a aspiração maior de Silvalde: a estrada n.º 5, de ligação entre o Bairro Piscatório e a estrada nacional, passando pelo lugar do Loureiro. Esta estrada além de solucionar as comunicações com a zona piscatória, hoje defeituosíssimas, seria no futuro uma bela avenida, servindo a expansão de Espinho, auxiliando a criação da cidade que todos sonham.

E pronto, aqui está uma visão rápida da vida da freguesia de Silvalde que quere ocupar lugar de relevo no Concelho de Espinho.

A VERDADE sobre a morte de Lorca

ERRATA

Neste artigo do nosso estimado colaborador snr. Felisberto Ferreirinha, saíram algumas «gralhas», bem contra o nosso desejo, do que pedimos desculpas aos leitores e ao amigo.

Rectifiquemos:

Onde se lê: Frederico;	*Leia-se:* Federico
» » »: Nouveles;	» : Nouvelles
» » »: namorar;	» : memorar
» » »: fexas ;	» : flechãs

entre outras.

Os haveres da Académica estão seguros na

COMPANHIA DE SEGUROS SOBERANA LISBOA-PORTUGAL

Delegação no Porto

R Rodrigues Sampaio, 169-2.º

QUATRO QUADROS

Continuado da pág. 5

se esfolha. (O caminho era longo e o sol morrer...)

São...

. . . . . .

Como é que hei-de dizer que os autmóveis rolam com a mesma velocidade e só o inverno passou?

Quem entenderá a dor disto?

Nem a parábola das flores pode ser compreendida.

. . . . . .

Ponho um sorriso nos lábios do meu protagonista e deixo-o ir...

Inda pensarei como acabar esta história.

Oito menos dez.

J.

Frisos Camilianos

Continuado da pág. 5

parece que as línguas são pobres do que é tão pouco e passageiro na humanidade...

Estrelas funestas, pág. 211.

*

Os desgraçados é que sabem avaliar os amigos...

Amor de perdição, pág. 91.

*

A calúnia é que não mata a honra de ninguém...

Romance dum homem rico, pág. 200.

*

Pela cópia ALBERTO PINTO

CONFIRMANDO...

Continuado da pág. 1

dade e não retiramos qualquer termo.

Não se iluda e não procure enganar os outros senhor director ofendido! Todos sabem que a «Defesa de de Espinho» quase sempre é a «Defesa do Benjamim».

Quanto à «probidade individual e dignidade jornalística» não vale a pena por mais pontos nos *ii*. Só os novos é que não conhecem certos manifestos que percorreram Espinho, noutros tempos, dedicados ao senhor director ofendido. Mas... não queremos que digam que atacamos o Snr. Benjamim Dias por antipatia ou perseguição. Ficamos por aqui.

MOVEIS E DECORAÇÕES

A. BARBOSA DA FONSECA & F.º

FUNDADA EM 1839

PORTO

SEDE: R. FERREIRA BORGES, 29 - TELF. 22002

A Biblioteca da Associação Académica de Espinho, pode ser meio de recreação mas principalmente, será forte instrumento para a tua cultura. Assim o queiras.

Para principiar ajuda a engrandecer aquilo que ainda é pequeno e promessa.

Nos teus amigos arranja livros, muitos livros, que servirão a muitos.

RUMO

Fundador: HIGINO AUGUSTO PIRES | Redacção e Administração: RUA DEZASSEIS — ESPINHO | Administrador: JOSÉ NICOLAU JUNIOR

Propriedade da A. A. E. (Secção Cultural) • Editor: ARQ. JERÓNIMO REIS

ANTOLOGIA

Gabriela Mistral

Gabriela Mistral, escritora chilena, Prémio Nobel, é uma das maiores glórias da lingua espanhola.

A sua poesia, expressão sincera e dolorosa voltada para Deus, e o seu trabalho entusiasta dedicado ao ensino e interessado por algumas facetas da assistência social, fazem desta excepcional mulher, daquela que se orgulha da condição humilde de professora rural, uma das grandes figuras da humanidade.

Um grande crítico escreveu algures «...figura relevante que se distingue por la complejidad de su temperamento, por la potencia de su lirismo, por el sentido profundo y universal de su poesia, por el humanismo de su ideal, por la grandeza de su sentir y de su pensar. Esta poetisa que ha surgido en Chile se llama Gabriela Mistral: gran lírica, gran pensadora y gran mística, todo de una pieza.»

Da vida da grande artista, não podemos exigir melhor do que esta singela e admirável nota autobiográfica:

«Nasci em Vicuña, Telqui, a 7 de Abril de 1889. Meu pai e a minha única irmã eram professores. Comecei a ensinar, como professora rural, aos quinze anos. Até hoje. Tirei o curso do ensino secundário (de humanidades). Tenho percorrido muitas escolas por todo o meu país, até ao Estreito de Magalhães.

Sou cristã e democrata. Creio que o cristianismo, com profundo sentido social, pode salvar os povos. Porque tenho vivido muito só em toda a parte, escrevo como quem fala na solidão. Os meus mestres da Vida e da Arte são: a Bíblia, Dante, Tagore e os russos. Tenho uma escola no México e outra no Chile. Hesito entre as duas porque ambas são hispano americanas e a minha pátria é grande, unida pela lingua de Santa Tereza, de Gongora e Azorin.

O pessimismo representa em mim uma atitude de insatisfação creadora, activa e ardente e nunca passividade. Admiro o Budismo e, se durante algum tempo dominou o meu espírito, não o sigo. O México deu-me, através das suas profundas características espanholas, quer na arquitectura quer na sensibilidade, o respeito e o amor a Espanha. A minha modesta obra literária é chilena, sobretudo pela sobriedade e pela rudeza. A literatura nunca foi o objectivo principal da minha vida, pois o que tenho feito é ensinar e viver para a creança. Quando chegar a altura de repousar e deixar as aulas, quero viver no campo, lendo e escrevendo. Sou filha de camponêses e ainda continuo a sê-lo. Os meus grandes amores são a minha Fé, a Terra e a Poesia».

CREDO

Creo en mi corazón, ramo de aromas
Que mi Señor como una fronda agita,
Perfumando de amor toda la vida
Y haciéndola bendita.

Creo em mi corazón, el que no pide
Nada porque es capaz del sumo ensueño
Y abraza en el ensueño lo creado
¡Inmenso dueño!

Creo en mi corazón, que cuando canta
Hunde en el Dios profundo el flanco herido,
Para subir de la piscina viva
Como recién nacido.

Creo en mi corazón, el que tremola,
Porque lo hizo el que turbó los mares,
Y en el que da la Vida orquestaciones
Como de pleamares.

Creo en mi corazón, el que yo exprimo
Para teñir el lienzo de la vida
De rojez o palor, y que le ha hecho
Veste encendida.

Creo en mi corazón, el que en la siembra
Por el surco sin fin fué acrecentado.
Creo en mi corazón siempre vertido
Pero nunca vaciado.

Creo en mi corazón en que el gusano
No ha de morder, pues mellará a la muerte;
Creo en mi corazón, el reclinado
En el pecho del Dios terrible y fuerte.

VOCABULÁRIO

Ensueño: Sonho; Dueño: Senhor; Hunde: Submerge; Tremola: Treme; Teñir: Tingir; Lienzo: Tecido; Rejez: Vermelho, avermelhado; Palor: Pálido; Encendida: Rubra, incendiada; Siembra: Sementeira; Mellará: Desprezará; Reclinado: Encostado.

3 POESIAS DE A. NEVES E SOUSA

PEDIDO

Quando eu morrer, querida,
não me rezes por favor;
Planta um cacto sobre mim
sequioso como eu fui,
e sempre triste, sempre
com os braços levantados
à espera duma benção esquecida.
Planta um cacto e esquece.
Não mais olharei sombra
Só o sol aberto e inteiro...
Não haverá pássaros cantando
só uma nuvem de quando em vez
me dará lágrimas frias...
Apenas tu, mulher, de vez em quando
me darás lágrimas tristes...
Para meus braços solitários
à espera duma benção esquecida
planta um cacto e esquece;
Não me rezes por favor.

Do livro "MAHAMBA"

NEGRO

Candido sorriso branco
No negrume
Da tua face branda de menino.
Candido sorriso branco
Que a mão rude do destino
Mudará.
A tua face branda será dura.
Candido sorriso branco
Mudado em rictus de amargura
Num queixume.
Candido sorriso branco...

DONGOS

Dongos, longos...
. . . . . .
Na água leve
A sombra breve
De gente remando.
Na água brilhando
Linhas paralelas
Do Palmar
Como colunas
A vibrar
Por entre as estrelas
N'água mirando
O brilho brando.
A sombra breve
Na água leve...
Longos, dongos...

Inéditos do livro em preparação: "BATUQUE"

Mandamentos do Artista

I — Amarás a Beleza pois ela é a sombra de Deus sobre o Universo.

II — Não há arte sem Deus. Ainda que não ames o Creador afirmarás o contrário, criando à sua semelhança.

III — Não darás a Belesa como deleite para os sentidos, mas sim como o alimento natural da alma.

IV — Não será pretexto para a luxuria nem para a vaidade mas sim um exercício divino.

V — Não a buscarás na ociosidade nem lhe entregarás a tua obra, porque a Beleza é virgem e a que está na ociosidade não é Ela.

VI — Subirá do coração ao teu canto, purificando-te.

VII — A tua Beleza será também misericórdia e consolará o coração dos homens.

VIII — Darás a tua obra como quem dá um filho: com o coração a sangrar.

IX — A Beleza não será ópio adormecedor, mas sim vinho generoso que te entusiasme para a acção, pois se deixas de ser homem ou mulher, deixarás de ser Artista.